

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO IVENS CUIABANO SCAFF



A primeira vez que entrei nesta Casa foi na cerimônia de lançamento pela Companhia Brasileira de Correios e Telégrafos do selo personalizado e comemorativo aos noventa anos da AML. Estava muito orgulhoso porque a declamadora Bia Correa iria recitar *Kyvaverá*.

Kyvaverá é um poema que fiz baseado na versão do historiador Paulo Pitaluga Costa e Silva, na qual a origem do nome Cuiabá derivaria do termo guarani *kivaverá* que significaria *o rio das lontras brilhantes*.

Não, estou me confundindo. Muito antes, foi muito antes a primeira vez em que entrei nesta Casa. A Casa de Augusto João Manuel Leverger, o Barão de Melgaço.

Fazia uma tarde de muito calor e eu tinha pegado um ônibus do bairro do Porto, onde morava, que me deixou na Praça da República ou na Praça Alencastro – não me lembro mais onde era o ponto final do ônibus.

Lembro que vinha sozinho. Era no tempo em que crianças andavam sozinhas. Vinha carregando uma grande e pesada pasta de couro com muitos álbuns de partituras para piano. Havia decidido estudar esse instrumento porque na sala da minha casa havia um, àquela época já antigo, no qual tinham estudado meus tios, meus irmãos e também no qual minha mãe, de vez em quando, praticava. Também era muito usado em festas e em especial nas festas de São João. A acadêmica professora Dunga Rodrigues era sempre a principal musicista e por volta da meia-noite ela abandonava o piano pelo acordeão para acompanhar os devotos na procissão de lavagem do santo que se realizava no porto da ladeira de pedras redondas, que começava no final da Rua XV e terminava no rio Cuiabá.

Lembrando Fernando Pessoa no seu poema “Aniversário”: ‘O que fui de amarem-me e eu ser menino’, foi assim que resolvi estudar piano. De todas aquelas partituras que pesavam na minha pasta, um álbum em especial eu odiava com veemência: o álbum de exercícios para piano de Czerny. Todos aqueles que um dia estudaram piano por vontade própria ou por vontade dos familiares sabem do que estou falando. Exercícios intermináveis que provocavam dores nos dedos pelos movimentos repetitivos, ou mesmo de vez em quando, pela pancadinha seca da régua da professora no dedo que errasse a nota.

Arrastando a pasta que me chegava quase à altura dos joelhos, eu vinha subindo a “Rua Cândido”, que só os cuiabanos sabem chamar-se Rua Cândido Mariano da Silva Rondon.

Dava uma paradinha para, na ponta dos pés, olhar, por cima do muro da Residência dos Governadores, o pequeno zoológico que lá havia e apressava o passo para não perder a hora da aula.

Às vezes dava um “*overbooking*”. Todos os pianos do conservatório lotados. Como o Conservatório Musical funcionava na própria residência da professora Maria

de Lourdes de Oliveira, que ficava a poucas casas daqui, lá vinham alguns alunos para estudar, batucar horas intermináveis no piano aqui da academia... Czerny, é claro.

Este enorme salão em penumbra com todos esses quadros. Mais o silêncio. Cheio de magia. Bem diferente das escalas, acordes e arpejos de... Czerny!

Se eu pedir um minuto de silêncio – gosto muito de minutos de silêncio porque estão sempre presentes em grandes momentos, momentos solenes ou momentos festivos como este. Então se todos de olhos fechados fizessem esse momento de silêncio, não em reverência a alguém que partiu, mas aceitando um convite, poderíamos viajar juntos a esse passado.

Como vocês sabem, um dia teremos máquinas do tempo... para o futuro. A ciência afirma. Como também afirma que nunca haverá uma máquina do tempo que nos leve para o passado. Também já se disse que quem viaja ao passado viaja sozinho. Não concordo. Podemos viajar ao passado. E acompanhados.

Podemos viajar através da história, mas com perdão dos membros do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso que esta Casa também sedia, convido vocês a viajar pela imaginação.

Entrando neste grande salão sombrio e silencioso, eu me sentia *avant la lettre* o pequeno mago Harry Potter entrando nos salões da escola de magia Hogwarts. Aqueles quadros, estes quadros, nas paredes laterais que eu percorria, lendo os seus nomes. Os nomes dos patronos desta Academia, a Academia Mato-Grossense de Letras que foi fundada como Centro Mato-grossense de Letras, em maio de 1921.

Percorrendo este salão, alguns graus de temperatura abaixo do normal do calor da tarde cuiabana, vamos, passo a passo, quadro a quadro.

Lá está José Barbosa de Sá, advogado e cronista do século XVIII que escreveu a “Relação das povoações do Cuiabá e Mato Grosso desde os seus princípios até ao presente tempo”, o primeiro escrito oficial, considerado a obra inaugural da História de Mato Grosso. Deixou como espólio uma biblioteca, a primeira constituída em Mato Grosso. Isso ainda no século XIX.

Lá está também Joaquim da Costa Siqueira, sucessor de José Barbosa de Sá que arrecadou a sua biblioteca e escreveu o “Compêndio Cronológico das notícias de Cuiabá; crônicas de Cuiabá”, em que registrou não só atividades político-administrativas, mas também as festas em que eram encenados dramas e farsas como “Aspásia na Serra” e “Zaíra”, de Voltaire. Joaquim da Costa Siqueira registra a alma nascente da cidade. Cuiabá nascendo com a fama de festeira, com a fama de culta, que até hoje conserva.

A seguir três amigos, três companheiros, três jovens formados em Portugal, na flor dos vinte anos. Vindos do Tejo, aportando em Belém e enfim desembarcando em Vila Bela da Santíssima Trindade, integrando a comissão de demarcação de limites entre Portugal e Espanha pelo Tratado de Santo Ildefonso. Seus nomes: Antônio Pires da Silva Pontes, Ricardo Franco de Almeida Serra e Francisco José de Lacerda e Almeida.

Prestaram grandes serviços na demarcação de fronteiras, levantamento de rios e observações astronômicas. Antonio Pires da Silva Pontes (cartógrafo e astrônomo)

participou da fundação de Casalvasco, junto a Luiz Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, nome também ligado ao Forte de Coimbra, Forte Príncipe da Beira e à fundação de Albuquerque (atual Corumbá) e Vila Maria, atualmente Cáceres.

Ricardo Franco de Almeida Serra, do Real Corpo de Engenheiros da Academia Militar, o Ricardo Franco que dá nome à nossa tradicionalíssima Rua do Meio. Escreveu inúmeras obras cartográficas, sendo a mais importante o “Diário do Rio Madeira”. Imagino Ricardo, extasiado, sob o céu estrelado do hemisfério sul, já que há documentos que atribuem a ele a denominação de uma estrela.

Tive uma boa formação na Escola Modelo Barão de Melgaço, onde enfrentávamos os terríveis pontos, textos que deviam ser decorados e eram “tomados”, em outras palavras, ditos sem ler para os professores. O mais terrível era “*A Guerra do Paraguay*” pela sua extensão. Pois não me lembro de ter sido ressaltada em aula a importância de Ricardo Franco na delimitação de nossas fronteiras.

O Marechal Rondon, ao fundar posto telegráfico em 1906, denominou-o Pontes e Lacerda, em homenagem a esses ilustres cartógrafos e astrônomos.

Vamos seguindo, tentando decifrar os nomes nas placas abaixo dos retratos.

Encontramos Padre Manuel de Siqueira, o exímio aquarelista que desenhava plantas de Mato Grosso, tendo descoberto nas imediações do Morro de São Jerônimo a árvore da quina. Este padre escreveu: “Memórias sobre a decadência das três capitâneas de Minas e meios de as reparar” e “Memória a respeito do descobrimento das Minas dos Martírios”.

Martírios, a serra do ouro à flor da terra. Reconhecida pelas formações rochosas que lembravam o cravo, o martelo e outros instrumentos do martírio de Cristo.

Verdade, lenda ou “marketing” do Império para expandir nossas fronteiras? Foi atrás de Martírios que veio Manoel Bicudo, trazendo o seu filho pré-adolescente Antônio Pires de Campos, considerado o descobridor do Cuiabá.

Passo a passo, quadro a quadro, Mato Grosso sendo construído.

Ali Luiz D’Alincourt, que chegou a Cuiabá em 1818, ocasião em que a Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá foi elevada à categoria de cidade e que descreveu sua viagem em “Memória sobre a viagem do Porto de Santos a Cuiabá” (1818).

Quem passa pela Estação Bispo, na Avenida da Prainha, nem desconfia que o nome se refere a D. José Antônio dos Reis, órfão de pai e mãe, que foi o primeiro advogado a ser nomeado bispo da Igreja Católica do Brasil. Sua chegada a Cuiabá coincidiu com a explosão da Rusga, revolta de brasileiros contra portugueses apelidados “bicudos”, em referência a um peixe de boca afunilada e pontuda e especialmente voraz, numa alusão à ambição dos portugueses que dominavam o comércio.

Reza a lenda, que nessa noite tenebrosa, D. José Antônio dos Reis saiu às ruas empunhando um crucifixo, tentando deter a mortandade. Este bispo, durante a Guerra do Paraguay, por ocasião da peste da varíola, ofereceu o espaço físico do Seminário para ser usado como enfermaria.

Aproveito que ainda temos tempo, enquanto uma colega executa *O lago de Como*, e fico parado em frente ao retrato do Barão de Melgaço, o Augusto João Manuel Leverger, nascido em Saint-Malo, na França. O dono desta Casa.

Tiro os sapatos e sinto o frio dos ladrilhos. Aos 17 anos já estava em Cuiabá. Aqui casou-se. Durante a Guerra da Tríplice Aliança, se ofereceu ante o iminente ataque paraguaio para comandar a defesa da capital. Mandou edificar uma fortificação nas colinas de Melgaço, ao lado de voluntários e soldados. Um fato curioso a seu respeito é o seu relato do avistamento de um objeto não identificado nos céus mato-grossenses, durante uma viagem fluvial.

Passo por Antônio Cláudio Soído, que dirigiu o Arsenal de Guerra, foi poeta romântico e traduziu Byron.

Por Antônio Corrêa do Couto, que pretendia o encanamento do rio Mutuca para abastecimento de água de Cuiabá.

Olhe o Pe. Ernesto Camilo Barreto, que veio a Cuiabá por solicitação de D. José Antônio dos Reis, tendo organizado o Seminário da Conceição, ainda na Barra do Pari. Biografia incrível. Certa feita foi preso em pleno culto da missa. Tempos violentos. Historicamente os templos, mesmo os pagãos, eram respeitados e serviam de refúgio para perseguidos. Casou-se e deixou numerosa descendência. Cuiabá, desde o início, transgressora.

Paro em frente ao retrato de Franklin Cassiano da Silva, que ao ficar órfão, foi acolhido como filho pelo meu tio-avô Luiz Pereira Cuiabano. Poeta lírico, autor de muitas peças teatrais.

Nesta cadeira encontro outro parente: o poeta poliglota Ulisses Cuiabano, de quem eu já conhecia o poema “Buriti solitário”.

Encontro Joaquim Duarte Murtinho, médico e ministro da Fazenda, saneador das finanças, como costumava dizer, cheia de orgulho, minha avó materna Nhazinha, não se esquecendo de dizer que foi criada na sua casa, hábito comum naqueles tempos. Aparentado, se dizia.

A professora está empolgada com o melhor aluno do conservatório que executa, com perfeição, “A Marcha Turca”, não me lembro mais se a de Mozart ou a de Beethoven.

Ainda dá tempo de dar uma passada por José Vieira de Couto Magalhães, mineiro de Diamantina que foi presidente do Estado durante a Guerra do Paraguai, e ao mesmo tempo o iniciador dos estudos folclóricos no Brasil, tendo a sua obra “O Selvagem” reconhecimento nacional e sido traduzida em vários idiomas.

Couto de Magalhães fundou Várzea Grande dos Guanás. Guanás, os hábeis canoeiros e pescadores. Guanás, dos quais o meu sangue tem uma parcela.

José Barnabé de Mesquita ocupou esta cadeira. Na biblioteca da minha casa tinha o seu livro de contos “*No tempo da cadeirinha*”, que li meio escondido, pois desconfiava que não seria leitura adequada para criança.

— Estudou as duas horas de Czerny? — pergunta a professora.

Duas horas! Essa professora não sabe que eu tenho outras obrigações? Banho de rio, passear de bicicleta, pescar lambari de arrastão com rede de melão-de-são-caetano...

— Claro, professora!

Me afasto do olhar do Visconde de Taunay. Alfredo d'Escragnolle de Taunay, que participou como engenheiro militar da Guerra do Paraguai, de quem mais tarde li “*Inocência*”, o maior romance sertanejo do romantismo e “*Retirada de Laguna*”, em que descreve sua experiência na guerra e não poupa a atuação dos médicos na mesma.

Passo por Antônio Corrêa da Costa, que com Generoso Paes Leme protagonizou o famoso Caso do Bonde.

Por Manoel Espiridião da Costa Marques que chefiou a expedição científica que avaliou a navegabilidade do rio Jauru.

— Não some, diz a professora. Já vamos começar.

Nem saí daqui de dentro, penso parado em frente à cadeira número 7.

O patrono é um historiador que assumiu a presidência da província de Mato Grosso em 1838 e em 1840, o cômego José da Silva Guimarães. Ele reorganizou a *Typographia Provincial*, o que viabilizou a impressão do jornal *Cuyabano Oficial* em Cuiabá, que antes era impresso em Goiás.

O primeiro ocupante foi o advogado Manuel Xavier Paes Barreto Filho que integrou o Centro Mato-grossense de Letras, embrião da AML.

— Professora, quando vou tocar Mozart?

O olhar da mestra me diz: Você ainda tem muito Czerny pela frente.

De novo na rua, me apresso para não perder o ônibus. Se bem que naquela época os motoristas esperavam pelos passageiros que sabiam que iriam naquela viagem. O ônibus, depois de reformado, ganhou uma cor rosa meio espantada e por isso tinha o apelido de Roseira. Para que os passageiros se cuidassem com o início da movimentação do ônibus, o motorista grita:

— Balança roseira! – e seguimos para o Porto, com seu comércio, sua lanchas e seu “rio verde negro”, como disse D. Aquino.

Então me vem à lembrança uma outra vez que estive na Academia. A data me foge, mas se tratava de um sarau e fui convidado para ler algumas poesias minhas. Fiquei um pouco apreensivo por um verso que dizia “Esquecerei os carinhosos apelidos que um dia com o dedo escrevi em seu umbigo”. Como seria recebido por pessoas mais formais, por uma plateia de pessoas maduras, um verso com esse, de apelo mais ousado? A acadêmica Maria de Arruda Müller estava presente. Alguns dias depois, na minha função de médico, visitei a D. Maria de Arruda Müller em sua casa. Fui torcendo para que ela não tivesse prestado atenção no verso. Após a consulta, ficamos conversando e para meu desespero ela se referiu ao sarau. Disse que tinha gostado da minha apresentação.

— Pronto, pensei, agora sim.

Ela continuou:

— Gostei muito, mas gostei especialmente de um verso. Aquele em que você diz, não me lembro exatamente, mas fala dos carinhosos apelidos.

Mesmo passado tanto tempo, ainda me pergunto se havia uma expressão divertida naquela face serena.

Nascida na casa de número 7 da Rua de Baixo, atualmente Rua 7 de Setembro, filha de João Pedro de Arruda e Adelina Ponce de Arruda, Maria de Arruda Müller

viria a ocupar esta cadeira de número 7 da Academia Mato-Grossense de Letras, em 1931, sendo a primeira mulher a conquistar uma cadeira na Academia, que frequentou até aos 100 anos, sendo também sócia-honorária do Instituto Histórico e Geográfico Mato-grossense. Personalidade multifacetada, professora, jornalista, editora de revista, mulher de estadista, ativista, esposa, mãe, avó. Como os mestres da Renascença.

Sua infância foi intercalada por períodos na cidade de Cuiabá e na fazenda de seus pais. Ainda menina, aos seis anos de idade, a pequena Maria acompanhava as lições que sua mãe ministrava ao seu irmão mais velho e dessa maneira foi aprendendo a ler junto com ele. Seu avô Generoso Ponce, então governador de Mato Grosso, não acreditou quando D. Adelina disse que a pequena Maria, com apenas seis anos, era capaz de ler. Passemos a palavra a ela:

— A casa estava cheia de homens, políticos, então meu avô pegou um jornal e pediu que eu lesse para eles. Quando terminei de ler, ele estava encantado e passou a me presentear com livros.

Em 1875, um século após Barbosa de Sá, havia sido instalada a primeira Escola Normal. Em 1884, o Liceu Cuiabano, onde a acadêmica Maria de Arruda Müller iniciou sua vida escolar em 1907.

Aos dezesseis anos começou a lecionar como professora auxiliar no Grêmio Escolar, onde alfabetizou crianças com idades entre sete e nove anos.

Em 1910 o Liceu Cuiabano já havia bacharelado duas jovens: Josefina Poyarte e Maria Dimpina de Arruda Lobo.

Em 1910, foi fundada a Escola Normal em Cuiabá, onde Maria de Arruda Müller se diplomou normalista em 1916. Após o seu casamento com Júlio Strubing Müller, mudou-se com seu marido para Poconé (MT), onde trabalharam como professora e diretor do Grupo Escolar. Após seu retorno a Cuiabá, dirigiu o Grupo Escolar Senador Azeredo e posteriormente lecionou música e desenho na Escola Normal.

Maria Müller deixou as salas de aula aos 96 anos de idade, por razões de saúde e encerrou sua carreira como professora alfabetizando aos 98 anos uma senhora de 87 anos.

Em 2002 o ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, entregou-lhe a comenda da Ordem Nacional do Mérito Educativo, em mãos, na sua própria casa. Criada em 1955 pelo presidente Café Filho, essa comenda homenageia personalidades que prestaram serviços excepcionais à Educação.

D. Maria de Arruda Müller participou ativamente do governo do seu marido Júlio Strubing Müller, nomeado interventor por Getúlio Vargas (de 1937 até 1945). Foi à época das construções na capital mato-grossense, tais como a Estação de Tratamento de Águas, prédio do Colégio Estadual (Liceu Cuiabano), Avenida Getúlio Vargas, Tribunal de Justiça, Delegacia do Tesouro, Cine Teatro Cuiabá, a ponte Júlio Müller.

Dona Maria de Arruda Müller, em seu livro escrito com a musicista e escritora Dunga Rodrigues “*Ao longo de cem anos*” se reporta ao pequeno Hermógenes, filho de alcoólatra que foi retirado da família por ordem judicial, devido aos constantes

maus-tratos, e entregue à família de João Pedro e Adelina. Hermógenes era um menino extremamente participativo e estava sempre pronto a inventar uma nova brincadeira. Seu sonho era assistir a um sarau lítero-musical da Academia. O que mostra a presença marcante da Academia Mato-Grossense de Letras naquela época. Talvez essa convivência com esse companheiro de folguedos tenha inspirado a ideia da criação do Abrigo das Crianças para crianças carentes. Já a fundação do Abrigo dos Velhos gerou críticas de que estaria se incentivando o abandono dos idosos pela família, conforme me confidenciou sua filha D. Helena Müller de Abreu Lima.

Presidiu a Comissão Estadual da Legião Brasileira de Assistência durante a Segunda Guerra, providenciando cuidados para as famílias dos soldados.

Em 1942 fundou a Sociedade de Proteção à Maternidade e Infância de Cuiabá.

Em 1916, um grupo de moças recém-formadas pela Escola Normal e algumas professoras já atuantes procuraram o professor Estevão de Mendonça pedindo apoio e diretrizes para a criação de uma associação feminina que veio a ser o Grêmio Júlia Lopes.

O Grêmio Júlia Lopes se diferenciava dos outros grêmios que surgiram no mesmo período por ser formado somente por mulheres.

Participavam do Júlia Lopes jovens normalistas e mulheres letradas da sociedade mato-grossense, sendo a maioria delas de famílias tradicionais que tinham em comum o apreço e o objetivo de “cultivar as letras femininas e patricias”, de acordo com Yasmin Nadaf (1993), que dedicou sua dissertação de mestrado intitulada “Sob o signo de uma flor” a mapear e descrever os temas abordados nas edições da revista.

Júlia Lopes foi uma escritora e abolicionista brasileira que desde cedo mostrou forte inclinação pelas letras, embora no seu tempo de moça não fosse de bom-tom nem do agrado dos pais uma mulher dedicar-se à literatura. Numa entrevista concedida a João do Rio entre 1904 e 1905, confessou que adorava fazer versos, mas os fazia às escondidas.

Sua produção literária foi vasta. Mais de 40 volumes abrangendo romances, contos, literatura infantil, teatro, jornalismo, crônicas e obras didáticas. Em sua coluna no jornal O País, durante mais de 30 anos, discutiu variados assuntos e fez diversas campanhas em defesa da mulher.

Participou das reuniões de formação da Academia Brasileira de Letras, da qual ficou excluída, por ser do sexo feminino.

Júlia Lopes de Almeida é considerada a primeira romancista brasileira. Portanto, esse nome, sugerido pela professora Maria Dimpina (pseudônimo Arinapi), foi acolhido com entusiasmo por afinidade de ideias, como a reivindicação de direitos como o voto feminino.

No início do ano, em 24 de fevereiro de 1932, o presidente Getúlio Vargas publicou o Decreto 21.076, concedendo o direito ao voto às mulheres que tinham renda própria. Essa exigência de renda própria para o direito ao voto, penso eu, permanece pertinente e atual.

Oriunda do Grêmio Literário Júlia Lopes de Almeida, a revista “A Violeta” circulou até 1950 e se tornou o veículo de divulgação das causas femininas e feministas

no início do século XX. Circulou durante 34 anos, alternando sua periodicidade em mensal e bimensal e foi uma das revistas mais proíficas e relevantes produzidas em Mato Grosso. Em nível nacional, pode ser considerado o segundo periódico literário feminino com maior tempo em atividade ininterrupta no Brasil.

Maria Dimpina Lobo Duarte e Maria de Arruda Müller foram as principais cronistas da revista e nas suas páginas defendiam o acesso à escola com vistas ao aperfeiçoamento do papel feminino de mãe e esposa.

O nome para a revista foi sugestão de D. Maria. Ela diz: “Escolhi o nome *A Violeta* porque é uma flor modesta, perfumada, boa para apresentar como uma coisa delicada. Queríamos que fosse uma revista que sempre dissesse a verdade com palavras delicadas”.

Certa vez, por ocasião da inauguração da estátua de Maria Taquara, Cuiabá inteira se envolvia na polêmica frente à criação do mito Maria Taquara. As pessoas recém-chegadas a viam como precursora por usar roupas masculinas, enquanto que os cuiabanos sabiam que Maria Taquara sofria das faculdades mentais e usava roupas masculinas por ser muito alta e as roupas femininas não lhe serviam.

Após uma consulta no velho casarão, surgiu o assunto. E D. Maria me disse que quem mereceria ser considerada símbolo da mulher mato-grossense era a índia Cibiá, depois chamada Rosa Bororo. Sequestrada de sua tribo, criada entre os brancos, foi usada numa tentativa de “pacificação” dos Bororos, chamados Coroados. Uma história triste.

Maria Müller assinava a publicação com os pseudônimos de Mary, Chloé, Vampira, Consuelo, Sara, Lucrecia, Ofélia e Vespertina. Uma das dificuldades enfrentadas pelas publicações femininas era o analfabetismo de homens e principalmente de mulheres (eram poucas as mulheres alfabetizadas), o público-alvo destes periódicos. Mas essas jovens transformaram essa dificuldade em uma causa e defendiam o acesso e a disponibilização de escolas para mulheres. A educação formal para as mulheres também foi tema de crônicas nas edições.

Estreou nas letras com seu primeiro artigo, intitulado “Baía de Chacororé”, publicado no jornal *O Povo* em 1916.

Como escritora, publicou em 1972 o livro “Família Arruda”. Anos depois, em parceria com a amiga, musicista e poetisa, acadêmica Dunga Rodrigues, escreveu “Cuiabá ao longo de 100 anos”.

Uma outra obra de sucesso foi lançada em comemoração ao seu centenário. No ano de 1998 foi publicado “Sons Longínquos”, uma coletânea de poemas da professora.

Vale a pena ler “*Sons Longínquos*”. Viajar nos versos do soneto *Vespertina* (dedicado à sua mãe):

*Que segredos me contas, ventania
Quando vens, sonhadora, tataral
As asas nobres como em litania
Dos coqueiros, ao sol que vai tombar*

Ou

*Tranças, destranças irrequietamente
A coma verde-negra, já silente,
Como um adolescente enamorado*

A intimidade com a natureza quando diz:

*É animada a cantiga das cigarras,
As pompas do verão que tudo atinge*

Ou a melancolia, quando descreve o coração do artista:

*a luz viva na dor na alma de poeta
– jardim fechado, sombrio e solitário*

De novo a proximidade com a natureza, característica que também existe nas artes plásticas mato-grossenses:

*Mas escutai o cantar intermitente
Da jaó na fimbria da floresta!
Se dela não amais o que é pungente,
... Que resta?*

Gosto demais destes versos:

*A asa transparente e azul
De uma doida 'lavandeira'
Corta o espaço em voo exul...*

E gostaria muito de ter escrito:

O dia é pintor anarquista

Atenta às transformações urbanas:

*Lindas palmeiras, onde estão?
Comas altaneiras, onde jazem?
O progresso impiedoso
As varreu como um tufão*

Ou quando se refere aos bandeirantes, num retrato sem retoques:

*As minas do Cuiabá de tão famosas,
Atraem fina flor da gente paulistana
Também tigres nas façanhas monstruosas!*

Preocupação ecológica antes de a própria ecologia entrar para o vocabulário habitual, no poema “Ante a queimada”.

Do poema *Águas passadas*, que dedicou ao autor desconhecido, selecionei o verso:

“Rosas murchas desfolhadas, quem não as tem dentro do peito” e postei em uma rede social, tendo alcançado centenas de acessos.

Realmente é um privilégio ocupar a cadeira que foi de uma poeta. E a minha caminhada até aqui foi balizada por muitos poetas.

Lembro Fernando Pessoa: “*Nunca conheci quem tivesse levado porrada, todos os meus amigos são príncipes na vida*”;

Lembro Vinícius: “*Não que seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure*”;

Lembro Manoel de Barros: “*Nasci num Cuiabá garimpo de ruelas entortadas*”;

Lembro John Lennon: “*Imagine all the people leaving in Peace and love*”;

Lembro Paulo Apóstolo: “*Quando eu era menino pensava como menino, agia como menino*”;

Lembro Zé Boloflor: “*a lua quando vem saindo por detrás da montanha é uma solidão*”;

Lembro Cecília Meireles: “*Eu canto porque o instante existe*”;

Lembro o Arcanjo Gabriel: “*Magnificat*”;

Lembro Manuel Bandeira: “*Vou-me embora pra Pasárgada, lá sou amigo do rei*”;

Lembro D. Aquino Corrêa: “*Sob os flabelos reais de mil palmeiras*”.

A bênção, Antônio Sodré

A bênção, Tereza Albuês

A bênção, Ricardo Dicke

A bênção, Liu Arruda

Salve Moysés Martins, Sebastião Carlos, salve Aclyse, salve Lucinda Persona, salve Luciene Carvalho, salve Odair de Moraes, salve Antônio Carlos Tuim.

Hoje é o dia da minha posse nesta confraria...

Se me perguntarem o que farei na Academia, responderei:

Não sei.

Com o coração aberto, direi:

Não sei.

Com a mente alerta, direi:

Não sei.

Não sei, significando: entro para interagir, criar coletivamente, pensar a cultura cuiabana e mato-grossense junto aos meus pares desta Casa.

Avocat num avocat Deus aderit.

O autor, sobre si mesmo

Entre dois amores

*Tenho amor por uma rainha
e tento ser o seu peão
Nem sempre sendo capaz
É a ela que amo
Atento no calor dos dias
Sou dessa maneira feliz
Felicidade nervosa e sem paz*

*Mas quando vem a bruma
Amo uma sacerdotisa
Com angústia e alegria
É sim possível!
Cumprindo seus mistérios e rituais*

*Ciumentíssimas as duas
Fingem que não se conhecem
Nem se reconhecem rivais*

*Fiel eu sou
Não sei se loucura ou sina
Às duas. À quem mais?*

*As duas asas com que voo
O nome da rainha, Medicina
O da maga, Literatura.*